

# ANCHIETA, O APÓSTOLO DO BRASIL

Arita Damasceno PETTENÁ

Foi lá em Tenerife, a ilha dos pastores e dos pássaros, que nasceu José de Anchieta. Passeando por aquele chão, entranhado de vulcões e rodeado de montanhas, o pequeno Joseph gostava de contemplar, sereno, a delicadeza das flores e assistir, de perto, o pulo das cabras, subindo os rochedos. Então a sua alma-criança irmanava-se com a natureza e, galgando penedos e altos montes, buscava, na sua inocência, atingir o infinito. E foi assim que lá do alto, numa visão antecipada do futuro, pode ele entrever, no amontoado das nuvens que caminham, as suas decisivas pegadas pelo mundo. Quatro anos haveria de passar na Universidade de Coimbra, dos 14 aos 18, para aprimorar sua cultura, expandir seus conhecimentos. Sua inteligência privilegiada, sua facilidade para as Ciências Humanas e, principalmente, sua fluência na arte difícil de fazer versos em latim e interpretá-los numa entonação cheia de doçura, fizeram-no logo conhecido como o “Canário de Coimbra”. Mas isto só não lhe bastava. Era preciso mais. Era preciso vivência. Realização de algo muito mais importante para a sua própria missão de apóstolo, de homem missionário, de catequista, taumaturgo, pacificador, abolicionista, bandeirante, poeta, herói e, acima de tudo, professor. E a estrela do destino indica-lhe o caminho da “Companhia de Jesus”, fundada no mesmo ano em que ele nascera, 1534. E Anchieta toma o hábito de noviço. Ali, no Colégio, sua dedicação é notada em todos os sentidos. Sua voz, sempre pronta a dizer “sim”, todas as vezes que é chamada a colaborar mesmo nas tarefas mais humildes, é ainda ouvida, diariamente, nas oito missas que ajuda na capela.

Um dia, entretanto, quando em trabalho, uma escada cai-lhe sobre a espinha dorsal e ele há de ficar corcunda para a vida inteira.

Seus lábios, porém, obedientes, jamais rebelaram-se contra a vontade do Senhor, que sabia muito mais que ele o que convinha às Suas criaturas. E fraco e aleijado, ele ainda nos surpreende, quando diz brincando: “ A natureza me preparou para carregar fardos.”

Tem realmente pouco menos de vinte anos e sua figura já se assemelha a de um velho. No entanto, quando escolhido entre seis jesuítas que devem partir para o Novo Mundo, ele é capaz de ajoelhar-se, lépido, diante de um crucifixo, para, esquecido da própria sorte, agradecer ao Senhor tanta ventura.

Lá fora, numa terra totalmente diferente da sua, há um Brasil com apenas 53 anos e que tem pressa do seu trabalho, para alargar, em povoados e aldeias, as barreiras intransponíveis das picadas íngremes. Aqui já o espera, para missões mais altas, o Irmão Manuel de Nóbrega. Juntos haveriam de abrir caminho para a fundação de cidades importantes e de varrer, principalmente, de entre os índios, o antropofagismo, produto da ignorância e da falta de Deus. E Anchieta transforma-se no primeiro professor que o Brasil haveria de ter, a levar o ABC às tribos mais incultas, que falavam uma língua tão diferente da sua e cujo Deus não compactuava com o seu. E era através das crianças que ele buscava conquistar o espírito dos homens, porque é só nos pequenos que a gente encontra a ternura que nunca encontra nos grandes. E para isso teve de aprender a língua deles, para poder trazer ao palco da natureza, as suas comédias didáticas, que eram sempre representadas pelos índios; para poder cantar som os silvícolas, os seus cânticos de louvor, tão do agrado dos aborígenes; para fazê-los sentir que eles tinham direito à liberdade que estava sendo ameaçada pelos colonos portugueses que vestindo a capa dos civilizados, procuravam escravizar o índio, cujo maior prazer era viver em contato com a imensidão da floresta. E sentindo que o branco era muito pior que o índio, porque aquele era mau e sabia que era e este nem maldade sabia o que era, Anchieta torna-se o primeiro abolicionista de nossos país, na defesa dos selvagens.

Vivendo de acordo com o que pregava, fazia longas caminhadas a pé e quase sempre descalço. Dormia em redes, nas vigílias da prece e, nas noites muito frias, aquecia-se junto às fogueiras, enquanto suas mãos laboriosas compunham cadernos, para que os índios-alunos pudessem estudar, já que naquele tempo não havia livros. E Anchieta, sem esmorecer,

copiava às vezes noites a dentro, para que não faltasse a cada um de seus vinte e tantos alunos, o caderno de gramática escrito na língua tupi. E sendo mestre ele aprendeu a ser aluno, porque vivendo no meio dos brutos, teve a certeza de que a violência sempre gera violência e de que só através do amor é que se consegue cativar as almas indômitas. E seu altruísmo se espalhou de tal maneira que os próprios gentios o chamavam de “pajé-guaçu”, porque diziam que a sua bondade amarrava mais fortemente as mãos que as cordas mais resistentes.

Nos campos de Piratininga, ele é o jesuíta cirurgião. A pleurisia dizimava dezenas de pessoas por dia. Anchieta afia então os canivetes e, usando da sangria, consegue salvar grande parte da população.

Peregrino constante em busca de seres a catequizar, ele se transforma em figura lendária, tantos milagres contavam a seu respeito. Diziam até que o seu quarto à noite era iluminado sempre por uma luz estranha e fosforescente e que uma vez fora visto suspenso no ar, a rezar de joelhos. Falava-se até que ele chegava a domar as onças e animais ferozes simplesmente com a magia de sua palavra. É que pelos animais se entusiasmou de tal maneira que chegou a estudar os costumes dos macacos, dos tatus e dos tamanduás. Apóstolo do amor e da justiça, ele foi o verdadeiro Embaixador da Paz, quando os tamoios, mancomunados com os franceses, ameaçavam os portugueses. Permanecendo em Iperoig, como refém, escreve, em suas areias, com a ponta do bordão, um poema à Virgem, com 4.130 versos. E dizem que, numa hora de sol escaldante, foi visto a murmurar: “Ah! Quem me dera uma sombra!”. E os guarás, ouvindo a sua súplica, levantaram-se em bandos sobre o santo, formando ao seu redor um círculo escarlate de asas para que ele pudesse escrever: “Ó Mãe sempre Virgem, ó Virgem fecunda/ de nossos prazeres cansamos, ó Ave!/ Com que quis fechar-se no vosso conclave/ o Verbo do Padre pessoa segunda.”

E esta criatura que participou cristãmente das realizações dos primeiros governadores do Brasil, que, junto com Nóbrega e mais doze jesuítas, fundou o Colégio de São Paulo, que foi presença na fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro, que fundou ainda inúmeras escolas para missionários, só haveria de ordenar-se padre aos 33 anos, para tornar-se, mais tarde, o Provincial da Companhia de Jesus no Brasil. Velho e doente, ele se afastava anos depois desse alto posto e retoma a catequese de

Reritiba. Nóbrega, o seu grande amigo, já não mais existia. Anchieta sente, dia a dia, as forças fraquejarem. Na manhã de 9 de junho de 1.597, o sino da capela toca em ritmadas lúgubres e chorosas. É domingo e é dia de missa. Mas Anchieta morreu. Os índios saem de suas tabas e chorando inconsoláveis, gritam a uma só voz: “Morreu nosso pai! Aquele que era santo e profeta! Aquele que era bom! Aquele que era nosso defensor e nosso mestre, morreu!”

Fizeram de cedro o seu esquife e, colocando-o aos ombros, coberto de flores, puseram-se a caminho de Vitória, num percurso de quase 18 léguas, iluminado apenas pelos fachos.

Eram milhares deles, cantando as mesmas canções que entoavam quando morria um grande guerreiro. Dizem que durante o trajeto, encontraram um rio que rugia poderoso. No instante, porém, em que iam atravessá-lo, o rio cedeu manso e humilde aos seus impulsos, como a reverenciar o santo que por ali passava. Quatro dias depois, quando o Padre Superior, inconsolável com o seu desaparecimento, quis ver-lhe novamente o corpo sepulto, um grito de espanto invadiu todos os presentes: “Milagre”!

Anchieta dormia como um menino e de seu corpo se desprendia um leve perfume de acácia.